

Lago Norte volta a ser zona nobre

Prefeitura mostra como administrar e altera quadro de abandono

ELIANE OLIVEIRA
Da Editoria de Cidade

A Península Norte, com seus 11,5 quilômetros de extensão e 32 quilômetros de largura, possui praticamente a mesma dimensão das Asas Norte e Sul juntas e é cerca de 25 vezes maior que o Principado de Mônaco (1,16 quilômetro quadrado). Sua população é estimada em 15 mil habitantes, que ocupam metade dos 6 mil lotes disponíveis.

Trata-se de uma área nobre de Brasília e, como tal, é extremamente vulnerável à ação de marginais. Tanto é assim que a prefeitura, após fazer uma pesquisa profunda sobre as principais preocupações da comunidade local, descobriu que o item segurança surgiu como prioridade número um.

PLANO

Diante da grande quantidade de arrombamentos, furtos e assaltos, os moradores elaboraram, através da prefeitura comunitária, um plano de segurança, conhecido e aprovado pelo secretário de Segurança Pública, João Brochado. Implementado por etapas, o plano consiste no aumento do patrulhamento das Polícias Civil e Militar, com o auxílio de dois camburões, que percorrerão a área dia e noite.

Dois postos de controle das saídas da Península serão instalados, guarnecidos por vigilantes munidos de equipamento de rádio, telefone e esteiras de prego. O primeiro ficará na EPPN (Estrada-Parque Península Norte), na QI-01, obstruindo o acesso ao Varjão e Vila Paranoá; o segundo, também na EPPN, será instalado na QI-02, vedando a saída para a Asa Norte.

Mas a grande vedete de combate à falta de segurança é, sem dúvida, o mutirão promovido pela comunidade, que objetiva, principalmente, liquidar o mato existente nos lotes desocupados. "O mato alto serve de esconderijo para bandidos, produtos de roubo e é onde ocorre grande parte dos assaltos", disse a prefeita da Península, Sílvia Seabra.

A limpeza do terreno visa ainda a melhorar esteticamente a

localidade, contribui com saneamento e não deixa de ser uma medida política. De acordo com a prefeita, há um projeto de lei do senador Nelson Carneiro (PMDB/RJ), dizendo que quem for proprietário de imóvel não edificado em área urbanizada no DF será obrigado a mantê-lo limpo e cercado, construindo calçada no limite do terreno com a rua. Se essas obrigações não forem cumpridas, o GDF executará os serviços, cobrando os custos dos proprietários.

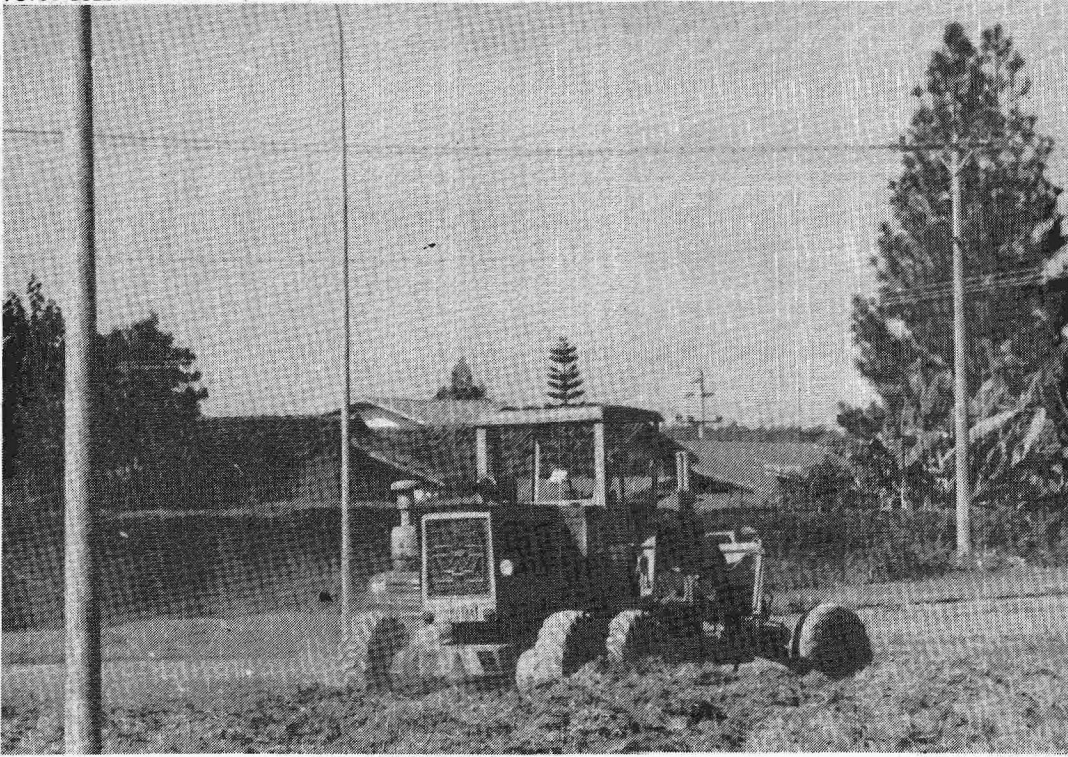
Se isso fosse transformado em lei, o trabalho dos moradores do Lago Norte seria bem menor. Desde o dia 17 de maio o local se tornou um verdadeiro canteiro de obras. A previsão de término é para setembro, faltando apenas a limpeza nas quadras 11 e 13. A comunidade conta com 30 homens do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), dois caminhões basculantes, uma pá carregadeira e quatro roçadeiras. "Nós fornecemos dois lanches aos trabalhadores e um cafezinho depois do almoço", disse Sílvia Seabra.

O saldo será positivo: duas desratizações, maior segurança, menos cobras e escorpiões. "Encontramos cascavéis, corais e jararacas, e as enviamos logo ao Instituto Butantã (São Paulo)". A Gerência de Zoonoses tem ajudado na desratização, cada morador colabora com Cz\$ 1 mil, à medida em que o mutirão passa por seu conjunto.

DESMATAMENTO

A Prefeitura garante que não está promovendo desmatamento no local. Apenas o mato-gal é retirado. "O cerrado, ou seja, as poucas árvores que existem, são preservadas". Após o mutirão, os moradores contarão com o plantio de plantas nativas na EPPN. A Terracap colocou à disposição do Departamento de Parques e Jardins (DPJ) Cz\$ 45 milhões, que serão utilizados na implantação de quaresmeiras-rosas e roxas e 430 mil metros quadrados de grama. "Já existem 2 mil árvores plantadas. Com mais 3 mil, que é nosso objetivo, estará acontecendo um reflorestamento", classificou a prefeita.

FOTOS: ZULEIKA DE SOUZA



Até tratores foram utilizados para dar um aspecto agradável ao local

PONTE DA PENÍNSULA

Comunidade radicaliza ao debater a questão

Por incrível que pareça, um assunto que antes era tão debatido entre os moradores, mas nem por isso causava divergências, hoje se tornou algo polêmico, quase passional: a construção de uma nova ponte, que ligaria a UnB às QIs 8 e 10. "Atualmente há defensores fanáticos da ponte e outros, também fanáticos, contra", revela a prefeita Sílvia Seabra.

Tida como terceiro ponto prioritário para a comunidade, a ponte é a única coisa que provoca desunião, segundo ela. "No princípio, em 78, todos eram a favor. Quem é contra acha que a Península é natural, não devendo ser ligada com o Plano Piloto. Basta a do final da Asa Norte".

PROJETO

Não se sabe ainda o custo total da construção do novo elo entre a Asa Norte e o Lago, nem quando vai ser implantada. "A partir de agora, teremos um debate exaustivo, inclusive com palestras dirigidas por técnicos da Secretaria de Viação e Obras. Depois faremos um plebiscito", disse ela.

"Há 15 anos eu vendo essa ponte", disse o corretor de imóveis Geraldo Francisco Nascimento. Segundo ele, sempre que a imprensa noticia a construção da ponte, a procura por residências no Lago Norte cresce acentuadamente. Explicou que, dada a especulação imobiliária no DF, a demanda aumenta em todos os lugares, inclusive na Península.

Acredita que a procura deve aumentar em 100 por cento se realmente essa reivindicação se concretizar. "Mesmo assim, a Asa Sul e o Lago Sul são bem mais valorizados". Conforme Geraldo, um lote que custa Cz\$ 4 milhões 200 mil na QI-26 do Lago Sul, vale a mesma coisa no "filé mignon" do Lago Norte, que é o início da Península.

PRECONCEITO

"Norte sempre é norte", afirma o presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis, João Balduino de Magalhães. As diferenças de acordo com ele, são exorbitantes, a nível imobiliário: o aluguel custa de 30 a 40 por cento a menos no Lago Norte e a venda de imóveis chega a ser mais de 50 por cento mais cara no Lago Sul. "Futuramente, pode haver uma supervalorização", disse ele.

Os mais exaltados, no entanto, acham que, graças à inten-

sidade de melhorias feitas pelos moradores e Governo na Península Norte, a procura aumentou, nos últimos quatro meses, 60 por cento. E o caso do corretor Romeu Gonçalves Carvalho. "O Lago Norte tem se valorizado muito. A falta de imóveis no DF é também outro forte motivo".

Ele explicou que o tipo de construção no Lago Norte não acompanhou do Lago Sul. As casas são mais baratas e modestas e o poder aquisitivo dos habitantes da segunda localidade é maior. "O lado par é mais valorizado, porque as casas ficam de frente para a cidade", lembrou. Informou que

o metro quadrado na Península Norte está em torno de Cz\$ 50 mil a Cz\$ 70 mil.

OTN

Na altura da QI-08, há uma placa dizendo que uma casa em construção está à venda por 30 mil OTNs. O imóvel é de propriedade do advogado Luiz Flávio de Castro. Na verdade, a falta de informações e perspectivas do mercado imobiliário com relação ao Lago Norte e a própria instabilidade da moeda motivaram a agir desse modo: "Se eu colocar preço em cruzados, perco dinheiro todos os dias".

Morador luta há 9 anos

Esperar por soluções imediatas, sem reclamar, já deixou de fazer parte da realidade dos moradores da Península. Só para se ter uma idéia, a pista principal de acesso a praticamente todas as quadras (EPPN) nunca foi recapeada, nos seus 28 anos de existência. Desde 79, a luta para verem atendidas as reivindicações do maior número possível de moradores se faz notar.

A começar pelo comércio. "Quando vimos o plano urbanístico do Governo, em 79, não o aceitamos e elaboramos o nosso", conta Vera Braun Galvão, assessora de urbanismo da prefeitura. Por esse motivo, o Lago Norte é um dos poucos bairros do País que tem o comércio separado das residências, incluindo o posto de gasolina, ambos situados à altura da QI 01.

LICITAÇÃO

Em agosto, o canteiro central - terreno onde fica o supermercado e algumas lojas de apoio - entrará em licitação, para a construção de um shopping center. "Com o dinheiro adquirido, o Governo vai recapear a pista principal", explicou Vera Braun.

A instalação de mais uma escola pública, de 1º e 2º graus, é outra reivindicação da comunidade, que dispõe de apenas um estabelecimento de ensino oficial, até a 6ª série, e dos particulares. "Uma alternativa seria um colégio, além do que nós reivindicamos, sob o regime de co-gestão, conforme propõe o presidente da Associação de Pais de Alunos, Luiz Cassemiro", afirma a assessora de urbanismo. Nesse sistema, os pais pagam os salários dos professores e o material didático. O Governo cuida da implantação da escola e sua manutenção.

A maioria dos moradores do Lago Norte tem condução pró-

pria. Não fosse isso, haveria um verdadeiro caos na disputa pelo transporte coletivo, bastante deficitário. O ônibus que faz a linha "Clube do Congresso", da TCB, passa pela W/3 Norte e segue para a Península de 40 em 40 minutos, segundo a Prefeitura. "O Departamento de Transportes Urbanos (DTU) diz que não há demanda. Mas nós vamos realizar uma enquete com a comunidade e provar que todos estão insatisfeitos", disse Sílvia Seabra.

Segundo ela, o último ônibus passa às 23h30. Depois desse horário, o jeito é apelar para a carona. "Os mais prejudicados são os estudantes. Uma forma de melhorar a situação seria, pelo menos, fazer com que o coletivo passasse pela L-2 Norte e não pela W/3. Isso ajudaria principalmente a quem estuda na UnB".

UNIDADE PARAMÉDICA

Assim como ocorre em todo o DF, o sistema de saúde no Lago Norte é deficiente. Os moradores dispõem de apenas um posto de saúde, que apresenta déficit de pessoal e equipamentos. Entretanto, há cerca de 10 dias, foi inaugurada a Unidade Paramédica do Corpo de Bombeiros, que funciona no próprio posto, na QI-03. Há uma ambulância de plantão e uma equipe de paramédicos, formada por estudantes de medicina.

O Comitê Jovem da prefeitura está encarregado de levar adiante as atividades culturais na Península. Cada quadra tem um representante que colhe sugestões diversas, como, por exemplo, promoções de shows, exposições, peças e outros eventos. Os trabalhos já começaram. Esse ano houve o "Show da Abolição", na Ciclovía, uma peça infantil (Vamos Fundo Limpar o Mundo) que possui semelhanças com a natureza do mutirão e duas discotecas no Clube do Congresso.

ZULEIKA DE SOUZA



A ciclovía, antes aprazível, foi tomada pelo mato-gal



Boatos sobre a ponte geram a especulação em OTN

De olho nos invasores de área verde

Os moradores das 700 se queixam que o governo só se preocupa com as cercas vivas e invasões de áreas verdes de lá, esquecendo-se de áreas nobres, como o Lago e até mesmo as cidades-satélites. A Prefeitura da Península Norte reconhece isso. "Dentro em breve, sabemos que quem invade as calçadas vai ter que se corrigir, por bem ou por mal. E nós concordamos com isso", disse Sílvia Seabra.

As "pontas de picolé" (extensões de áreas verdes que

dão acesso ao lago, no fim dos conjuntos, cercadas, impedindo a passagem de outras pessoas) são bastante questionadas pelos próprios moradores da Península. "Muitas vezes eu tenho que pegar meu calça e levá-lo ao clube, porque na minha rua a casa que fica na ponta fechou a trilha que vai para o lago", reclama o comerciante que se identificou apenas como José.

Beatriz Borges, 19 anos, mora na QL-10 desde setembro passado, justamente numa ca-

sa em frente ao lago. "Desde essa época, muita gente vem pedir para passar por aqui. Não nos incomodamos", esclareceu. Para a assessora de urbanismo Vera Braun, o problema não será tão difícil de ser resolvido: "Pretendemos criar pontos de lazer nas pontas de picolé". Lembrou que a Ciclovía, que era para circular toda a península, só conta hoje com um quilômetro de extensão. "Ela está abandonada. O mato cresce em volta, desestimulando os ciclistas".